

# A NOÇÃO DE TOTALIDADE NA TEORIA JINGUIANA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Sheila Carla de Souza<sup>1</sup>

(Mackenzie)

*Quem olha para fora sonha,  
quem olha para dentro desperta*

(C. G. Jung)

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar alguns conceitos da Teoria Analítica de Carl Gustav Jung e correlacioná-los com a noção de totalidade e ligação do homem com o sublime. Para isso, utilizou-se pesquisa bibliográfica selecionando-se os conceitos de “consciente”; “inconsciente pessoal”; “inconsciente coletivo”; “self” e “individuação”, em livros escritos pelo próprio autor ou estudiosos de sua obra, publicados na Língua Portuguesa. Conclui-se que o homem possui uma íntima relação com aspectos religiosos e/ou místicos de uma determinada época, herdada *a priori* e manifesta pelo inconsciente coletivo. O processo de individuação permite que o sujeito compreenda as demandas provenientes do inconsciente que levam o homem a entrar em contato consigo mesmo, alcançando evolução e maturidade elevadas reconhecendo que a ligação com o sublime e a noção de totalidade e infinitude residem em si mesmo.

**Palavras-chave:** Jung; Totalidade; Inconsciente Pessoal; Inconsciente Coletivo; Self

---

<sup>1</sup> Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento Infantil pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2006) e Doutoranda em Neurociências e Comportamento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor Período Integral da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ministra aulas nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Psicologia. Principais atuações nas áreas de Psicologia da Educação; Neurociências e Educação; Violência e Vulnerabilidade Social e Pessoas com Deficiência.

## INTRODUÇÃO

Na área da Psicologia o autor Carl Gustav Jung dispensa apresentações. No entanto, neste artigo que visa contemplar diferentes leitores e descortinar alguns conceitos da Psicologia Analítica, considera-se de extrema relevância fazer uma breve exposição sobre a vida e a obra deste autor que sabiamente enriqueceu seus achados a partir de estudos nas áreas de Filosofia, história e Teologia para, anos mais tarde, devolver suas ideias para a Psicologia contribuindo para os achados sobre a Psique Humana.

Carl Gustav Jung nasceu em 1875 na Suíça e morreu em 1961, aos 86 anos em Zurique – Alemanha. Formado em Psiquiatria e também em Psicologia, dedicou grande parte da sua vida tentando compreender o homem de maneira holística, tendo sistematizado informações e reconhecidamente conquistado o título de Pai da Psicologia Analítica.

Vale comentar que Jung teve influência direta da Psicanálise, compartilhando e trocando informações sobre vida pessoal e casos clínicos com Freud. Após 07 anos de intensa amizade com o referido autor, Jung expôs que discordava de alguns postulados da Psicanálise, pois não acreditava que os conflitos psíquicos sempre resultavam em traumas e que tinham origem na sexualidade humana. Estas considerações lhe custaram a amizade de Freud que de maneira abrupta rompeu laços com Jung em 1915.

Ainda, neste percurso Jung debruçou-se na História e de maneira incansável tentou compreender as influências dos mitos e dos símbolos para a existência humana. Destacou a importância dos sonhos para o auto conhecimento e tentou aproximar seus achados o mais próximo de dados empíricos para explicar a noção de totalidade e infinitude, a religião e a existência de Deus. Assim, para entender a relação que o estudioso estabeleceu com o sublime e com o sagrado, explicita-se

seu método de estudo que, longe da metafísica, procurava amparar-se na interpretação de símbolos provenientes do inconsciente, lembrando que estes nunca esgotavam seus sentidos em si próprios:

Em termos práticos, o método de Jung de interpretar símbolos espontâneos do inconsciente nunca tenta dizer que uma situação humana é assim ou assado, mas sim que estas imagens descrevem a própria situação sob a forma de analogias ou parábolas. A abordagem simbólica por definição aponta para além de si própria e para além daquilo que pode se tornar imediatamente acessível à nossa observação. Embora esta abordagem não seja abstrata ou racional, também não pode ser considerada irracional, mas precisamente, ela possui leis e estrutura próprias que correspondem às leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo. (WHITMONT, 2008, p. 19).

Desta forma, a partir de uma intuição extremamente aguçada e uma inquietação pelo empirismo em seu método, o autor observou e conduziu casos clínicos a partir da interpretação da produção imagética espontânea, as expressões artísticas, as fantasias, os sonhos, considerando-os como via de acesso ao inconsciente humano que, dentre outras coisas, é composto de mitos, símbolos e arquétipos. *Aliás*, escrever sobre o inconsciente na perspectiva junguiana é complexo e extenso demais para este momento, portanto, inicia-se uma pequena introdução sobre o assunto apresentando-se primeiramente noções básicas sobre o consciente e posteriormente o inconsciente, ressaltando-se a necessidade de outras considerações para que se construam compreensões mais consistentes sobre o tema.

Na Teoria Analítica, a “*consciência*” revela nossos comportamentos e nossas maneiras de estarmos no mundo. Consciência é um termo que descreve a experiência e significa, acima de tudo, estar ciente:

[...] ciente não apenas do objetos, pois até os animais o estão; os animais não ficam se chocando com os objetos, eles estão cientes dos objetos e mantêm-se afastados deles, e quando eles veem

vocês, reconhecem vocês e mantém certa distância. Então, eles estão cientes dos objetos, mas não deles mesmos. Essa é a característica crucial da consciência: **a consciência é ciente de si mesma, é o ego ficando ciente de si mesmo**[...].(EDINGER, 2004, p. 19, **grifo nosso**).

Quanto ao inconsciente, podemos apresentá-lo em duas instâncias: o “*inconsciente pessoal*” e o “*inconsciente coletivo*”. O “*inconsciente pessoal*” ou “*individual*” caracteriza-se por aspectos mentais individuais não conscientes que foram reprimidos ou esquecidos pelo indivíduo, ou seja, são as próprias experiências, sensações, percepções e memórias individuais deslocadas ou esquecidas que dizem respeito às formas de funcionamento individual do sujeito. Ainda, pode ser entendido como uma camada do inconsciente que se encontra próxima ao consciente, mas por falta de força ou energia psíquica ainda não entraram na consciência. (EDINGER, 2004).

Já o “*inconsciente coletivo*” ou “*psique objetiva*” é uma estrutura psicológica partilhada *a priori* pela humanidade, ou seja, estruturas mentais e capacidades de atribuir significados às percepções humanas de maneira universal. O inconsciente coletivo é, então, uma *predisposição inata*, transmitida de geração para geração que atribui à humanidade a capacidade de significar experiências de forma coletiva, possibilitando a ligação do homem com a cultura em diferentes contextos sociais. (FRANZ, 1992; EDINGER, 2004). Ainda:

Para que um indivíduo seja saudável do ponto de vista psicológico, ele deve manter uma ligação viva com o inconsciente coletivo. Ao longo da história, essa ligação tem sido fornecida pela religião operante ou pela mitologia em vigor em dada sociedade [...]. (EDINGER, 2004, p. 11).

Tão importante quanto estes conceitos para o desfecho deste artigo são as noções de “*Self*” e de “*Individuação*” da Teoria Analítica. No primeiro caso, o *Self* surge de maneira gradual na personalidade objetivando o crescimento e a maturação do indivíduo. É o “centro organizador de onde emana esta ação

reguladora parece ser uma espécie de “núcleo atômico” do nosso sistema psíquico. Poder-se-ia denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte de imagens oníricas” (FRANZ, 1977, p. 161), ou seja, a totalidade absoluta da psique, diferentemente do ego que constitui apenas uma pequena parte da psique.

#### Quanto ao processo de “*individuação*”

O processo de individuação é, na verdade, mais que um simples acordo entre a semente inata da totalidade e as circunstâncias externas que constituem o seu destino. Sua experiência subjetiva sugere a intervenção ativa e criadora de alguma força suprapessoal. Por vezes, sentimos que o inconsciente nos está guiando de acordo com o desígnio secreto. É como se algo nos estivesse olhando, algo que não vemos mas que nos vê a nós – talvez o Grande Homem que vive em nosso coração e que, através dos sonhos, nos veem dizer o que pensa a nosso respeito.

Retomando os conceitos de “*consciente*”; “*inconsciente*”; “*self*” e “*individuação*” e correlacionando-os com a noção de totalidade e com o sublime, nota-se que para Jung tais processos determinam a aproximação simbólica do homem com o Divino, não no plano espiritual tão como o entendemos contemporaneamente, mas, tão somente, pela manifestação de conteúdos inconscientes que habitam a psique do próprio homem em questão.

A consciência por si só não é suficiente para manifestar “*devoção religiosa*” sendo necessário o funcionamento psíquico de uma maneira mais abrangente, ou seja, a ligação com os planos espirituais dependem de forças simbólicas e arquetípicas que emergem do inconsciente pessoal e inconsciente coletivo do próprio indivíduo. Assim o ego expressa o seu elo com o sagrado, a saber: Deus.

Ainda, o ego expressa os valores pessoais e culturais inconscientes e estabelece uma relação paradoxal com a questão do sagrado, pois ao mesmo tempo em que se trata de uma experiência única, ela é determinada *a priori* pela

cultura na qual o sujeito está inserido. Neste sentido, o indivíduo que manifesta forte ligação com os aspectos religiosos permanece blindado para questões de análise mais profunda no plano pessoal/individual de desenvolvimento.

Esta análise permite adentrarmos num mar de conceitos e, apenas, *descrever* os postulados do autor, sem tentativas de *explicar* tais fenômenos que são muito complexos. Desta maneira, a noção de infinitude da Teoria Analítica reside no próprio indivíduo que no processo de individuação consegue mergulhar no seu próprio self, interpretar e compreender as demandas provenientes do inconsciente revelando auto observação, auto conhecimento, ou seja, o olho de Deus está na competência humana de conseguir ver com olhos autônomos aspectos mais profundos de si mesmo. Aí reside o segredo da verdadeira evolução.

Carl Gustav Jung ou apenas Jung como é conhecido, estudou a mente humana e trouxe novas ideias sobre o *INCONSCIENTE* e o *SELF (SI-MESMO)*, cunhando concepções próprias da Psicologia Analítica, tais como “*inconsciente pessoal*”; “*inconsciente coletivo*”; “*anima-animus*”; “*persona-sombra*”; “*individuação*”, dentre outras. Finaliza-se este artigo, chamando atenção para a necessidade de aprofundamentos teóricos em tais conceitos para uma compreensão mais pormenorizada da teoria Junguiana, objeto este que não será contemplado neste breve recorte, recomendando-se outras consultas nas obras do referido autor, publicadas em larga escala tanto na literatura nacional quanto na internacional.

## REFERÊNCIAS

EDINGER, E. F. **Ciência da Alma: uma perspectiva junguiana.** Trad. Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2004.

FRANZ, M-L. **Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na Psicologia de C. G. Jung**. 4ª ed. Trad. Editora Pensamento. São Paulo: Editora Pensamento, 1992.

\_\_\_\_\_. **O processo de individuação** in O Homem e seus Símbolos. Trad. Maria Lucia Pinho. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 158-229.

WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo: conceitos básicos de Psicologia Analítica**. 13ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008. p.15-p.51.

[http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/index.htm](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/index.htm)